

Fruto do Espírito e frutos da carne

AGAPE - O Maior Destes

O alvo de Paulo sobre o objetivo maior de uma vida virtuosa é expor os vários ingredientes na receita da bondade e é isto que ele faz em Gálatas 5.22, 23.

É inevitável que o amor fique no início da lista, porque Deus é amor (I João 4.8), e, portanto, necessariamente, o maior destes é o amor (1 Co 13.13).

O amor é o vínculo da perfeição, o vínculo perfeito, que liga tudo numa harmonia perfeita (Cl 3.14), e o amor é em si mesmo o cumprimento da lei (Rm 13.10).

Devemos começar definindo os nossos termos.

Há momentos em que o português, em comparação com o grego, é um idioma pobre. Diz-se que, em outras línguas, se um jovem ama uma moça, há vinte maneiras diferentes para ele lhe dizer isso! Nós temos uma só palavra para "amar" e esta palavra tem que servir para expressar muitos sentimentos.

Mas o grego tem quatro palavras para "amar."

1. Há a palavra eros. É caracteristicamente a palavra para o amor entre os sexos, o amor de um rapaz para com uma jovem; sempre há um lado predominantemente físico, e sempre envolve o amor sexual. Aristóteles diz que erôs sempre começa com o prazer dos olhos, que ninguém se apaixona sem primeiramente ficar encantado pela beleza, e que o amor não é amor, a não ser que se anseie pelo amado quando ele está ausente, desejando ardentemente a sua presença. Esta palavra não aparece no NT em lugar algum, não porque o NT despreza ou rejeite o amor físico, mas porque, já nos tempos do NT, esta palavra passara a ser ligada com a concupiscência mais do que com o amor. Erôs, conforme alguém já disse, é o amor ainda sem conversão.
2. Há a palavra philia, Esta é a palavra mais nobre no grego secular para expressar o amor. Descreve um relacionamento caloroso, íntimo e tenro do corpo, mente e espírito. Inclui o lado físico do amor, pois o verbo philein pode significar beijar ou acariciar, mas inclui muita coisa a mais. Até mesmo nesta palavra há algo que falta. Mas philia, como todas as coisas humanas, pode alterar-se. Aristóteles escreve: "O prazer do amante é contemplar a sua amada, o prazer da amada é receber as atenções do seu amante, mas quando murchar a beleza da amada, a amizade (philia) às vezes murcha também, visto que o amante já não acha prazer na visão da sua amada, e a amada não recebe atenção do amante". É verdade que philia descreve o tipo mais nobre do amor humano, mas também é verdade que a luz da philia pode diminuir e seu calor esfriar.
3. Há a palavra storgê. Esta é a palavra mais limitada na sua esfera, porque no grego secular é a palavra do amor no lar, do amor dos pais para com os filhos e dos filhos para com os pais, para o amor entre irmãos, irmãs e parentes.

4. Há a palavra Agápe, Aqui, temos pouca orientação com base no grego secular. "Agápe é uma palavra que nasce no seio da religião revelada." E isto não é por acidente. Agápe é uma palavra nova que descreve uma qualidade nova, uma palavra que indica uma atitude nova para com os outros, uma atitude nascida dentro da comunidade, e impossível sem a dinâmica cristã.

Como, pois, devemos determinar o significado de Agápe?

Podemos determinar melhor seu significado tendo por fundamento a maneira do próprio Jesus falar dele. A passagem básica é Mt 5:43-48. Ali, Jesus insiste em que o amor humano deve seguir o padrão do amor de Deus.

E qual é a grande característica do amor de Deus?

Deus faz vir chuvas sobre justos e injustos, e faz nascer o sol sobre maus e bons. Logo, o significado de agápe é a benevolência invencível, a boa vontade que nunca é derrotada. Agápe é o espírito no coração que nunca procurará outra coisa senão o sumo bem do seu próximo. Não se importa com o tratamento que recebe do seu próximo, nem com a natureza dele; não se importa com a atitude do próximo para com ele, nunca procurará outra coisa a não ser o sumo bem do próximo, o melhor para ele. Quando se vê isto, imediatamente surgem algumas verdades vitais:

- (i) Quando Aristóteles escreve a respeito do amor, sua atitude é que somente aquele que merece o amor pode ser amado. Fala daqueles que desejam ser amados, que têm desejo de que o amor seja recíproco, e diz a respeito das pessoas que têm este desejo que seu anseio é ridículo; se eles nada possuem de atraente. Insiste em que um homem não pode esperar ser amado "se nada houver ' nele para despertar afeição". Mas a qualidade distintiva do amor cristão acha-se exatamente na sua obrigação e capacidade de amar os pouco amáveis e os que dificilmente se pode amar, de procurar o sumo bem do outro independentemente daquilo que ele é, ou faz, ou tenha feito. No amor cristão a ideia do mérito não deve ser levada em conta.
- (ii) Para os escritores gregos, o amor é necessariamente uma coisa exclusiva. Aristóteles define o amor como "a amizade num grau superlativo". Passa, então, a dizer que, se é assim, pode ser por uma pessoa, e por uma pessoa somente. Na realidade, a convicção de Aristóteles é de que o amor não pode ser difundido, nem pode a amizade ser muito espalhada. Na amizade, o círculo deve ser estreito; no amor, nem sequer há um círculo, mas somente um único ponto em que tudo se focaliza. O amor cristão é o próprio inverso disso. É uma benevolência que abrange a todos. Agostinho disse a respeito de Deus que Ele ama a todos como se houvesse uma só pessoa para Ele amar; o amor cristão deve modelar-se no amor de Deus.
- (iii) Há um sentido em que o amor cristão difere radicalmente do amor humano comum. O amor humano comum é uma reação do coração; é algo que simplesmente ocorre. Ele é algo com cuja criação nada temos a ver. Mas

agápe, o amor cristão, é um exercício da personalidade total. É um estado do coração, mas também da mente; faz parte dos sentimentos, emoções, e também da vontade. Não é alguma coisa que simplesmente acontece e que não podemos evitar; é algo que temos de desejar. Não é algo com que não temos nada a fazer; é uma conquista e uma realização. Na realidade, tem sido dito que, em pelo menos um dos seus aspectos, agápe é a capacidade, o poder e a determinação de amar as pessoas das quais não gostamos. É certamente verídico que este amor cristão não é uma coisa fácil e sentimental; não é uma resposta emocional automática e não procurada. É uma vitória sobre o eu. A pura verdade é que este amor cristão é o fruto do Espírito; é algo totalmente impossível sem a dinâmica de Jesus Cristo. Por isso é fútil falar na aceitação da ética do Sermão do Monte e do amor cristão. A verdade simples é que o mundo não pode aceitá-la; somente o cristão cheio do Espírito e dedicado a Cristo pode fazê-lo.

- (iv) Havia uma grande área do pensamento pagão que considerava esta ideia do amor cristão como uma contradição revolucionária de tudo quanto ele mesmo tinha em vista. Todas as filosofias contemporâneas ao cristianismo tinham um só alvo e objetivo: a única coisa que todos procuravam era a paz de espírito, serenidade, tranquilidade, o coração em repouso. A fim de chegarem a isto, todas elas, de uma forma ou outra, insistiam na absoluta necessidade de duas qualidades básicas. A primeira era a perfeita autossuficiência, a perfeita independência de qualquer objeto ou pessoa. Autossuficiência é a atitude da mente que acha sua felicidade e paz inteira e exclusivamente dentro de si mesma. A segunda tinha uma estreita relação com ela; era apatia. Apatia não no sentido da indiferença, mas é essencialmente a incapacidade de sentir alegria ou tristeza, gozo ou mágoa; é a atitude de coração e mente que não pode ser tocada por qualquer coisa que porventura pudesse acontecer a si mesma ou a outrem. É o coração isolado de todos os sentimentos e emoções. Se este for o ideal da vida, então bem claramente o grande inimigo da paz é o amor; o amor é o grande perturbador. O homem deve tornar-se afetuoso, mas somente de uma maneira tal que, nunca, em tempo algum, dependerá de outra pessoa para a sua felicidade e alegria, porque, se um homem permitir a outra pessoa entrar no seu coração e habitar ali, sua liberdade foi-se para sempre. Para alguns escritores gregos seculares o amor é um tipo de escravidão. Por essa razão, a filosofia é um treinamento que visa atingir a indiferença. Os homens nunca devem fixar seu coração em qualquer objeto ou pessoa, porque nada e ninguém deve ser uma necessidade para nós. O homem deve ensinar-se a não se importar com nada. Que comece com coisas sem importância - uma vasilha, uma xícara

que, de qualquer maneira, pode ser facilmente quebrada. Que avance um pouco mais, para uma túnica, um miserável cachorro, um mero cavalo, um pedaço de terra. Se algo acontecer a alguma destas coisas, que aprenda a não se importar. Depois, finalmente, chegará paulatinamente a uma etapa em que não se importará com o que acontece a seu próprio corpo, quando poderá perder os filhos, a esposa, os irmãos - sem se importar com isso.

Em contraste direto com isto, o amor cristão se importa. O amor cristão é o próprio inverso dos princípios elementares da filosofia pagã.

O filósofo pagão dizia: "Ensina-te a não te importar."

A mensagem cristã dizia: "Ensina-te a importar-te apaixonada e intensamente com os homens."

O filósofo pagão dizia: "Não deves, em circunstância alguma, ficar pessoal e emocionalmente envolvido na situação humana."

A mensagem cristã diz: "Deves entrar na situação humana de tal maneira que vejas, penses e sintas com os olhos, a mente e o coração da outra pessoa na sua profunda identificação com os outros."

A mensagem cristã oferecia o Caminho para a felicidade naquela mesma atitude que o filósofo pagão! considerava como o caminho para a infelicidade.

Para o cristão, o princípio no âmago da vida era a única coisa que o filósofo pagão procurava! eliminar inteiramente da sua vida.

Analisemos, portanto, o significado deste ágape, usando em especial os elementos das cartas de Paulo, onde a palavra ocorre mais de sessenta vezes:

(i) Tudo começa com o amor de Deus, porque Deus é o Deus de amor (2 Co 13 .11): O amor cristão é o reflexo do amor de Deus, e dele obtém seu padrão e poder. Este amor de Deus é totalmente imerecido, porque a prova dele é que, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós (Rm 5.8). O Novo Testamento nunca poderia tolerar qualquer conceito de expiação que sugerisse que qualquer coisa que Jesus fez mudou ou alterou a atitude de Deus para com os homens; que, de alguma maneira, Jesus tenha transformado a ira de Deus em amor. O processo inteiro da salvação tem seu início no amor de Deus, não merecido por nós. Além disso, o amor de Deus é um amor que produz e transforma. É aquele amor que, derramado no coração dos homens, produz as grandes qualidades da vida e do caráter cristãos (Rm 5.3-5). Há um amor humano que enfraquece a fibra moral do homem, que paralisa seu esforço, e que o retira da batalha da vida; mas o amor de Deus é a dinâmica transformadora da vida cristã, produzindo no homem a paciência, a perseverança, a experiência e a esperança que o preparam-no para a vida. O amor de Deus é um amor inseparável. Nada há no tempo nem na eternidade que pode separar o homem dele (Rm 8.35-39). Aqui, na realidade, temos um dos grandes argumentos para a vida após a morte. O amor é a perfeição do relacionamento entre duas personalidades, e o amor de Deus oferece um

relacionamento consigo mesmo que, pela própria natureza das coisas, nada pode quebrar ou interromper. O amor de Deus é simplesmente um grande amor (Ef 2.4- 7). E, de conformidade com esta passagem, o amor de Deus é um grande amor por três razões. Primeira: Ele nos amou enquanto estávamos mortos nos nossos pecados. Segunda, vivificou-nos para a novidade de vida. Terceira, ultrapassa o tempo e vai além da vida para os lugares celestiais.

(ii) À medida em que Paulo fala do amor de Deus, também fala do amor de Jesus Cristo. Para Paulo, o amor de Deus e o amor de Jesus Cristo são a mesma coisa. Em Rm 8.35-39 Paulo começa perguntando: "Quem nos separará do amor de Cristo?" E termina, dizendo: "nada poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor." Para Paulo, Jesus é o amor de Deus em demonstração e ação. Paulo passa, então, a dizer certas coisas a respeito do amor de Jesus Cristo. O amor de Deus é um amor que excede todo entendimento (Ef 3.19) e é sempre um mistério. Qualquer pessoa que é amada por Deus fica atônita, perguntando a si mesma por que aquilo acontece. O amor de Cristo não é algo a ser explicado; é algo perante o qual o homem somente pode maravilhar-se prestar culto e adorar. O amor de Jesus Cristo é o padrão da vida cristã: O cristão deve andar em amor conforme Cristo o amou (Ef 5.2). O cristão não é perseguido pelo medo a fim de ser bom; é elevado até a bondade mediante a obrigação do amor que desperta a generosidade que está adormecida na alma.

(iii) Uma das associações mais consistentes que Paulo faz é entre o amor e a fé (Ef 1.15; Cl 1.4; 1 Ts 1.3; 3.6; 2 Ts 1.3; Fm 5). O mais alto louvor que Paulo pode oferecer a qualquer igreja é dizer que seus membros têm fé em Cristo e amor uns para com os outros. O cristianismo envolve um duplo relacionamento pessoal e uma dupla dedicação: o relacionamento com Cristo e a dedicação a Ele (amor vertical) e o relacionamento com os homens a dedicação a eles (amor horizontal). O cristianismo é a comunhão com Deus e os homens. Ninguém já foi para o céu sozinho. Deus não conhece a religião solitária. Há uma dupla associação entre a fé e o amor. Em Ef 6.23 Paulo ora para que seu povo tenha fé com amor; em Gl 5.6 fala da fé operando através do amor, ou seja, a fé energizada operada, pelo amor. Podemos expressar este fato nas seguintes palavras: o amor sem fé é sentimentalismo, e a fé sem amor é aridez. O amor deve basear-se na fé. A fé deve ser inflamada pelo amor, a fim de não se transformar em intelectualismo. Esta combinação de fé e amor deve produzir ação, porque o amor nunca deve ser mera aparência (Rm 12.9). É perfeitamente possível pregar o amor e viver uma vida sem ele, cantar os louvores do amor nas palavras, e negar a existência dele nas ações. O amor produzirá especialmente duas coisas. Produzirá a generosidade prática. Quando Paulo estava levando a coleta para os cristãos pobres de Jerusalém, seus repetidos apelos às igrejas mais novas é no sentido de demonstrarem a

sinceridade do se amor, fornecendo a prova dele mediante a sua generosidade cristã. Isto redundará em perdão, Depois de terminarem os problemas em Corinto, e depois de a paz ter sido restaurada, o apelo de Paulo aos coríntios é para que reafirmem seu amor perdoando o homem que fora o foco de agitação e de todos os problemas (2 Co 2.8). A fé deve estar ligada ao amor, e o amor à fé, e esta combinação deve ter como resultado a mão generosa e o coração que perdoa.

Devemos agora passar a ver, aquilo que poderíamos chamar de a qualidade básica do amor em ação na vida cristã.

- (i) O amor é a atmosfera da vida cristã. O cristão, diz Paulo, deve andar em amor (Ef 5.2). O cristão leva esta atmosfera de benevolência radiante por onde for. Paulo expressa esta mesma verdade de outra maneira. O amor, diz ele, é a vestimenta da vida cristã. Conclama os colossenses a se vestirem com o amor (Cl 3.14). Falamos de uma pessoa revestida de beleza, ou armada em virtude. A vida cristã veste-se desta boa vontade que se estende a todos os homens.
- (ii) O amor é o motivo universal da vida cristã: "Todos os vossos atos sejam feitos com amor," Paulo escreve aos coríntios (1 Co 16.14). O Sermão no Monte nos deixa sem dúvidas quanto à importância dos motivos do coração na vida cristã' (Mt 5.21-48). Há um tipo de generosidade cujo motivo principal é obter prestígio. Há um tipo de advertência e repreensão que brota do deleite em ferir as pessoas e em vê-las afastando-se. Há até mesmo um tipo de labuta e serviço que provém do orgulho. Um dos deveres mais negligenciados da vida cristã é o autoexame, e talvez isto seja negligenciado por ser um exercício muito humilhante. Se nos examinarmos, é bem possível que descubramos que não há quase nada neste mundo que façamos com motivos puros e sem mistura. Ainda que seja assim, devemos continuar a colocar diante de nós o padrão pelo qual devemos viver, a insistência de que o único motivo cristão é o amor.
- (iii) O amor é o segredo da unidade cristã: Os cristãos são unidos pelo amor (Cl 2.2). O que há de significativo neste amor cristão é que ele se espalha em círculos que se expandem cada vez mais.
 - a. Começa sendo amor pelos santos, ou seja, amor pelos demais membros da comunidade cristã e pelos nossos irmãos cristãos (Ef 1.15; Cl 1.4; 1Ts 3.12).
 - b. É amor pelos líderes da Igreja (1 Ts 5.12, 13). É um fato muito simples que a única dádiva que Paulo pediu da parte das suas igrejas foi que orassem por ele, que o conservassem em seus corações, e que o sustentassem através da oração (Rm 15.30).
- (iv) Toma-se amor por todos os homens. Os cristãos devem abundar em amor uns com os outros, e com todos os homens (1 Ts 3.12). Há um tipo de cristianismo que resume-se nas quatro linhas de um verso mal feito: Somos os poucos escolhidos de Deus, Todos os demais irão para o inferno; Não há lugar no céu

para ti, O céu não deve superlotar-se. O amor cristão é o inverso disso; expande-se até procurar englobar o mundo inteiro em seus braços, e receber todos os homens em seu coração.

- (v) O amor é o enfatizar da verdade cristã. O cristão deve necessariamente ser um amante da verdade (2 Ts 2.10), mas a todo tempo deve falar a verdade em amor (Ef 4.15). É fácil falar a verdade de tal maneira a ferir e machucar; não é impossível alguém ter prazer ao ver uma pessoa encolher-se e estremecer sob as chicotadas da verdade. A verdade sem amor é como a luz para olhos irritados. Florence foi a diretora de um grande instituto missionário para mulheres. Inevitavelmente havia ocasiões em que ela tinha de repreender suas estudantes; mas dizia-se a respeito dela que, quando tinha motivo para repreender, sempre o fazia como se estivesse abraçando a pessoa a ser repreendida. A verdade falada com o intuito de ferir nada pode produzir senão ressentimento; mas a verdade falada em amor pode despertar o arrependimento que é algo que traz restauração.
- (vi) O amor é o fundamento do apelo cristão. Quando Paulo roga a Filemom em favor do escravo fugitivo Onésimo, é ao amor que apela (Fm 7). É ao amor que Paulo apela quando pede as orações da igreja de Roma antes de empreender viagem para Jerusalém (Rm 15.30). O cristão nunca apelará à força; o cristão raramente apelará à sua autoridade. A arma do cristão é sempre o apelo ao amor e quase nunca a exigência do poder.
- (vii) O amor é o motivo da pregação cristã. Mesmo nos seus momentos mais severos, a motivação e a acentuação das palavras de Jesus é o amor. É com amor que anela pela cidade onde está para morrer (Mt 23.37). Talvez o capítulo menos compreendido em toda a Bíblia seja Mateus 23 onde há uma série terrível de "ais" dirigida contra os escribas e os fariseus. É muito comum pensar nesse capítulo e lê-lo como se tivesse sido falado num acesso de fúria, e como se Jesus estivesse açoitando as pessoas com o chicote da Sua língua. "Ai de vós!" diz Jesus (Mt 23.13ss.). Mas a palavra em grego é o próprio som de um lamento. O sentimento não é de condenação, e sim de tristeza. Não é uma explosão de ira; é a marca do amor que parte o coração. Há momentos em que pregadores dão a impressão de que odeiam os seus ouvintes, e assaltam-nos com uma bateria de ameaças quase causando a impressão de que querem vê-los condenados ao inferno. Registra-se que certa vez, quando perguntaram a alguém por que deixara de frequentar certa igreja, a pessoa respondeu: "Cansei-me de ser apedrejada em meu rosto todos os domingos." Os homens podem ser levados a aceitar o evangelho muito mais facilmente se não receberem açoites verbais sem amor para que o aceitem. Um escritor cristão relata sobre uma clínica que era organizada em torno do amor. Era tomado como princípio que "desde os psiquiatras superiores, descendo até aos eletricitistas e faxineiros, todos os contatos com os pacientes devem manifestar

amor". O resultado foi que o período de internamento foi reduzido pela metade. Houve uma mulher que ficou sentada durante três anos numa cadeira de balanço sem dizer uma palavra para pessoa alguma. O médico chamou uma enfermeira e disse-lhe: "Maria, estou colocando a Sra. Brown como sua paciente. Tudo quanto lhe peço é que a ame até que ela sare." A enfermeira fez a experiência. Pegou uma cadeira de balanço do mesmo tipo, sentou-se ao lado dela, e amou-a de manhã, de tarde e de noite. No terceiro dia, a paciente falou, e dentro de uma semana, saiu da sua concha - e curada! O escritor cita alguns outros exemplos deste princípio em operação. Um evangelista falando de moços que faziam parte de quadrilhas, disse: "Tais moços podem ser alcançados oferecendo-lhes aquilo que mais almejam - o amor por parte de um adulto disposto a ajudar numa emergência." Certo fabricante hindu disse por que viera a um dos seus retiros espirituais: "Sabe por que vim? Há muitos anos, quando eu era menino, atormentamos um missionário que estava pregando num bazar, jogando tomates nele. Ele enxugou do seu rosto o caldo dos tomates e então, após a reunião, levou-nos para a confeitaria e comprou-nos doces. Eu vi o amor de Cristo naquele dia, e é por isso que estou aqui." Um negro já idoso falou a respeito de um negro mais jovem que se metera numa encrenca séria: "A gente simplesmente deve amá-lo para atraí-lo para fora disto." Havia na comunidade um alcoólatra inveterado. Certa manhã, disse: "Os meninos jogaram pedras em mim ontem à noite." Respondeu o amigo dele: "Talvez estivessem procurando fazer de você um homem melhor." O homem disse: "Ora, nunca ouvi falar que Jesus jogava pedras num homem para torná-lo melhor". Os homens podem ser ganhos muito mais se os amarmos para levá-los ao céu do que se os ameaçarmos para que escapem do inferno.

(viii) O amor é o controlador da liberdade cristã. A liberdade deve ser usada, não como desculpa para se fazer o que quer, mas como dever de servirmos uns aos outros (Gl 5.13). Existem muitas coisas que são perfeitamente seguras para o irmão mais forte, e que poderia legitimamente ser permitida, sem dúvida alguma; mas ele abstém-se dessas coisas porque ama e recusa-se a prejudicar com o seu exemplo o irmão por quem Cristo morreu (Rm 14.15). Se o amor é a base da vida, a responsabilidade é a sua tônica. Nenhum cristão pensa nas coisas somente porque afetam a sua própria pessoa. O privilégio da liberdade cristã é condicionado pela obrigação do amor cristão.

(ix) Este amor cristão não é nenhuma emoção fácil e sentimentalista. O amor tem os olhos abertos. A oração de Paulo pelos filipenses é no sentido de que abundem em todo o conhecimento e em toda a percepção sensível, de modo que sejam capacitados a distinguir entre as coisas que diferem entre si, escolhendo as que são certas (Fp 1.10). O amor cristão na vida é acompanhado por uma nova sensibilidade para com os sentimentos, necessidades e problemas dos outros, uma nova consciência da bondade, e um novo horror pelo pecado. Longe de ser

cego, o amor cristão ensina o homem a ver com clareza e a sentir com uma intensidade nunca antes experimentada. Da mesma maneira, o amor cristão é forte. Na correspondência de Paulo com a igreja em Corinto há dois usos muito iluminadores da palavra "amor." Em 2 Co 2.4 Paulo escreve a respeito da carta dura e severa que havia enviado à igreja em Corinto, carta esta que causara aos coríntios mágoa e dor. Mas, diz ele, aquela carta foi escrita, não para lhes causar mágoa e tristeza, mas para comprovar seu amor por eles. A sentença final da primeira carta aos coríntios é: "O meu amor seja com todos vós!" (1 Co 16.24). As cartas a Corinto estão muito longe de serem cartas sentimentais. Administram a disciplina; transmitem a repreensão; não hesitam em ameaçar com o uso da vara de correção; distribuem a correção mais severa; até mesmo exigem a exclusão do perturbador da comunhão da Igreja - contudo, são o resultado do amor. O amor no sentido neo-testamentário do termo nunca comete o engano de pensar que amar é deixar uma pessoa fazer o que ela quer. O NT deixa claro que há momentos quando a ira, a disciplina, a repreensão, o castigo e a correção fazem parte do amor.

- (x) É fácil ver que a aquisição e a prática do amor cristão não são uma tarefa fácil. Em 1 Co 14.1, Paulo usa uma expressão muito significativa. A ARA traduz: "Segui o amor." Mas o verbo que é traduzido por seguir significa perseguir, correr atrás. O amor cristão não é algo que simplesmente acontece; é algo que deve ser buscado, desejado, perseguido, algo que exige a oração e a disciplina do homem para obtê-lo. Longe de ser uma posse automática, é a realização suprema da vida. Pode-se até dizer que o amor cristão não é somente difícil; humanamente falando, é impossível. O amor cristão não é uma realização humana; faz parte do fruto do Espírito. É derramado em nosso coração pelo Espírito Santo. E, assim, chegamos à outra verdade a respeito deste amor cristão. Há um versículo magnífico na carta aos filipenses. Nele, a palavra "amor" propriamente dita não aparece, mas a ideia é a que está no centro do amor cristão. Paulo escreve: "Anseio por todos vós nas entranhas de Jesus Cristo" (Fp 1.8). Literalmente, isto significa: "Amo-vos com o próprio amor de Cristo. Através de mim Cristo vos ama. O amor que eu vos tenho não é outro senão o amor do próprio Cristo."

Agápe tem a ver com a mente: não é simplesmente uma emoção que surge em nosso coração sem ser convidada; é um princípio segundo o qual vivemos deliberadamente.

Agápe tem a ver, de modo supremo, com a vontade. É uma conquista, uma vitória e uma realização. Ninguém já amou por natureza os seus inimigos. Amar os inimigos é uma conquista de todas nossas inclinações e emoções naturais.

Este amor cristão, não é meramente uma experiência emocional que vem a nós sem convite e sem ser procurada; é um princípio deliberado da mente, uma conquista e realização da vontade. É, na realidade, o poder de amar os que não

são amáveis, de amar as pessoas das quais não gostamos. O cristianismo não pede que amemos nossos inimigos e os homens em geral da mesma maneira que amamos nossos entes queridos e os que estão mais próximos de nós; isto seria tanto impossível quanto errado.

Mas realmente ele exige que tenhamos a todo tempo uma certa atitude e direção da vontade para com todos os homens, sem nos importarmos com que são eles.

Qual, pois, é o significado deste ágape?

A principal passagem para a interpretação do significado de Agápe é Mt 5.43-48. Ali, somos ordenados a amar os nossos inimigos. Por que? A fim de que sejamos como Deus. E qual é a ação típica de Deus que é citada?

Deus envia Sua chuva aos justos e injustos, maus e bons.

Isto quer dizer que o amor cristão, é a benevolência invencível, a boa vontade insuperável. Não é simplesmente uma onda de emoção; é uma convicção deliberada da mente que tem como resultado uma política deliberada na vida; é a realização, conquista e vitória da vontade. Atingir o amor cristão exige a totalidade do homem; exige não somente seu coração, mas também sua mente e vontade.

Sendo assim, duas coisas devem ser notadas.

(i) O amor humano para com o nosso próximo, é obrigatoriamente fruto do Espírito. O amor cristão não é natural no sentido de que não é possível ao homem natural. O homem somente pode exercer esta benevolência universal, sendo purificado do ódio, da amargura e da reação humana natural à inimizade, injúria e antipatia, quando o Espírito tomar posse dele e derramar no seu coração o amor de Deus.

O amor cristão é impossível a qualquer pessoa que não seja cristã.

Ninguém pode pôr em prática a ética cristã até que se torne cristão. Pode se ver bem claramente a qualidade desejável da ética cristã; pode-se perceber que é a solução para os problemas do mundo; pode-se aceitá-la mentalmente; mas, na prática, não pode ser vivido se Cristo não viver dentro da pessoa.

(ii) Quando entendemos o que agápe significa, refutamos amplamente a objeção de que uma sociedade baseada neste amor seria um paraíso para os criminosos, e que isto significa simplesmente deixar o malfeitor fazer o que quer. Se buscarmos somente o sumo bem do homem, é bem possível que tenhamos de resisti-lo; é bem possível que tenhamos de castigá-lo; é bem possível que tenhamos de agir com severidade diante dele - para o bem da sua alma imortal.

No entanto, permanece o fato de que tudo quanto fizermos ao homem nunca será por vingança; nunca será uma simples retribuição; sempre será feito com o amor que perdoa e que procura, não o castigo do homem, e muito menos a eliminação do homem, mas sempre o seu sumo bem. Noutras palavras, Agápe importa em lidar com os homens conforme Deus lida com eles - e isso não significa deixá-los agir desenfreadamente segundo a sua própria vontade.

Quando estudamos o NT descobrimos que o amor é a base de todo relacionamento perfeito no céu e na terra.

(i) O amor é a base do relacionamento entre o Pai e o Filho. Jesus pode falar do "amor com que me amaste" (Jo 17.26). Ele é "o Filho do Seu amor" (Cl 1.13; cf. Jo 3.35; 10.17; 15.9; 17.23, 24).

(ii) O amor é a base do relacionamento entre o Filho e o Pai. O propósito de toda a vida de Jesus era que o mundo soubesse que Ele amava o Pai (Jo 14.31).

(iii) É dever do homem amar a Deus (Mt 22.37; cf. Mc 12.30 e Lc 10.27; Rm 8.28; 1 Co 2.9; 2 Tm 4.8; 1 Jo 4.19). O cristianismo não pensa em termos do homem finalmente se submeter ao poder de Deus; pensa em termos de ele finalmente se entregar ao amor de Deus. Não se trata de a vontade do homem ser esmagada, trata-se de o seu coração ser quebrantado.

(iv) A força motriz da vida de Jesus era o amor pelos homens (Gl 2.20; Ef 5.2; 2 Ts 2.16; Ap 1.5; Jo 15.9). Jesus realmente é aquele que ama as almas.

(v) A essência da fé cristã é o amor por Jesus (Ef 6.24; 1 Pe 1.8; Jo 21.15, 16). Assim como Jesus ama as almas, assim também o cristão ama a Cristo. O NT tem muita coisa a nos dizer acerca do amor de Deus pelos homens.

(i) O amor é da própria natureza de Deus. Deus é amor (1 Jo 4.7, 8; 2 Co 13.11).

(ii) O amor de Deus é universal. Não foi apenas uma nação escolhida, foi o mundo inteiro que Deus amou (Jo 3.16).

(iii) O amor de Deus é sacrificial. A prova do Seu amor é que deu Seu Filho em prol dos homens (1 Jo 4.9, 10; Jo 3.16). A garantia do amor de Jesus é que Ele nos amou e se deu por nós (Gl 2.20; Ef 5.2; Ap 1.5).

(iv) O amor de Deus é amor misericordioso (Ef 2.4). Não é ditatorial, não é possessivo de modo dominante; é o amor desejoso do coração misericordioso.

(v) O amor de Deus salva e santifica (2 Ts 2.13). Salva da situação do passado e capacita o homem a enfrentar as condições do futuro.

(vi) O amor de Deus é um amor fortalecedor. Nele e através dele o homem torna-se mais que vencedor (Rm 8.37). Não é o amor abrandador e ultra-protetor que torna o homem fraco; é o amor que produz heróis.

(vii) O amor de Deus é um amor que galardoa (Tg 1.12; 2.5). Nesta vida, ele é algo precioso, e suas promessas são ainda maiores para a vida futura.

(viii) O amor de Deus é um amor que disciplina (Hb 12.6). O amor de Deus é o amor que sabe que a disciplina é uma parte essencial do amor.

O NT tem muita coisa a dizer acerca de como deve ser o amor do homem por Deus.

(i) Deve ser um amor exclusivo (Mt 6.24; cf. Lc 16.13). Há lugar ' para uma só lealdade na vida cristã.

(ii) É um amor que está alicerçado na gratidão (Lc 7.42, 47). Os dons do amor de Deus exigem em troca a totalidade do amor dos nossos corações.

(iii) É um amor obediente. Repetidas vezes o NT mostra que a única maneira de podermos comprovar que amamos a Deus é oferecendo-Lhe nossa obediência incondicional (Jo 14.15, 21, 23, 24; 13.35; 15.10; 1Jo2.5;5.2, 3; 2 Jo 6). A obediência é a prova final do amor.

(iv) É um amor comunicativo. O fato de amarmos a Deus é comprovado ao amarmos e ajudarmos nosso próximo (1 Jo 4.12, 20; 3.14; 2.10). A falta em ajudarmos os homens comprova que nosso amor por Deus é falso (1 Jo 3.17). A obediência a Deus e a ajuda amorosa prestada aos homens são duas coisas que comprovam o nosso amor.

Vejamos, agora, outras características deste amor cristão.

(i) O amor é sincero (Rm 1.29; 2 Co 6.6; 8.8; 1 Pe 1.22). Não tem segundas intenções; não é interesseiro. Não é uma gentileza superficial que serve de máscara para a amargura interior. É o amor que ama com os olhos e coração abertos.

(ii) O amor é inocente (Rm 13.10). O amor cristão nunca prejudicou alguma pessoa. O falso amor pode ferir de duas maneiras. Pode levar ao pecado ou pode ser super-possessivo e super-protetor. O amor materno, por exemplo, pode tornar-se sufocante.

(iii) O amor é generoso (2 Co 8.24). Há dois tipos de amor - o amor que exige e o amor que dá. O amor cristão é o amor que dá, porque é uma cópia do amor de Jesus (Jo 13.34), e tem seu motivo principal no amor generoso de Deus (1 Jo 4.11).

(iv) O amor é prático (Hb 6.10; 1 Jo 3.18). Não é meramente um sentimento bondoso, não se limita aos melhores votos piedosos; é amor que resulta em ação.

(v) O amor é longânimo (Ef 4.2). O amor cristão resiste as coisas que tão facilmente transformam o amor em ódio.

(vi) O amor traz o aperfeiçoamento da vida cristã (Rm 13.10; Cl 3.14; 1 Tm 1.5; 6.11; 1 Jo 4.12). Não há nada mais sublime neste mundo do que amar. A grande tarefa de qualquer igreja não é primeiramente aperfeiçoar suas construções, ou sua liturgia, música ou paramentos. Sua grande tarefa é aperfeiçoar o seu amor. Finalmente, o NT preconiza que há certas maneiras segundo as quais o amor pode ser mal orientado.

(i) O amor pelo mundo é mal orientado (1 Jo 2.15). Porque Demas amou o mundo, abandonou a Paulo (2 Tm 4.10). O homem pode amar o tempo a ponto de se esquecer da eternidade. O homem pode amar as recompensas deste mundo e se esquecer dos galardões porvir. O homem pode amar o mundo de tal maneira que aceita os padrões mundanos e abandona os de Cristo.

(ii) O amor ao prestígio pessoal é mal orientado. Os escribas e os fariseus amavam os assentos principais nas sinagogas e os louvores dos homens (Lc 11.43;

Jo 12.43). A pergunta do homem não deve ser: "O que os homens pensam sobre isso?", mas: "O que Deus pensa sobre isso?"

(iii) O amor pelas trevas e o medo da luz são as consequências inevitáveis do pecado (Jo 3.19). Assim que o homem peca, já tem algo para esconder; então passa a amar as trevas. Mas as trevas podem ocultá-lo dos homens não de Deus. E assim, finalmente podemos dizer que o amor cristão manifesta-se quando Cristo é novamente encarnado através de uma pessoa que se entregou totalmente a Ele.